

7.

O vôo chegaria atrasado a Lima. E somente depois de o avião aterrissar, no dia seguinte, PS ligaria um dos seus celulares e repararia quatro “chamadas perdidas”, vindas de gente da SNDA, de Salvador da Bahia. O que queriam dele?!

O embarque de passageiros em Guarulhos foi confuso. Phillip Schwanberg tentava prosseguir com o seu *Tempos Difíceis*, mas o sistema límbico e o seu córtex travavam um combate. Era uma batalha entre a antiguidade e a inexperiência, desenrolada no cérebro daquele primata. Ele desviava o olhar da garota da fila, que na sala de embarque já notara no sujeito de barba por fazer e nariz adunco. Era um mamífero tentando entender Dickens. Quanto a ela, displicente, folheava uma revista recém-comprada num quiosque.

Toda a bagagem da moça se resumia a uma bolsinha a tiracolo e uma maleta de mão. Vestia uma calça jeans azul de corte justo, uma blusa branca com estampas em cores pretas, amarelas, vermelhas, cujo comprimento descia um pouco abaixo da cintura, e calçava uma sandalinha sem salto, com tiras douradas. Seu cabelo, negro e escorrido, estava cortado baixinho, aparado até a altura da nuca – dando-lhe um ar de serelepe. Tinha seios proporcionais à bundinha arrebitada e ao corpo esguio, que PS calculou em 1 metro e 65 no máximo. A manga da blusa, larga, descia abaixo do cotovelo. A garota passou diante dos olhos de PS três ou quatro vezes, seja para ir ao sanitário, para comprar a revista ou para perguntar alguma coisa a funcionários da companhia – certamente sobre a partida do vôo. Que decolou quinze minutos antes da meia-noite.

Phillipe embarcou primeiro. Sua poltrona estava entre as primeiras da classe econômica, em uma fileira de três assentos laterais à direita e à esquerda, além da fileira central. Deram-lhe um lugar na janela, ao lado de um sujeito aboletado no assento do corredor. Quando a garota veio caminhando desde a porta de entrada à busca do assento, ele pediu a Jesus Cristo que a poltrona restante em sua fileira fosse a dela. Mas Deus não ouvia as suas preces, possivelmente porque não eram sinceras, e a garota passou adiante com o nariz em pé sem notar que ele a observava, indo sentar-se duas fileiras atrás, em assento da parte central do avião. Nada tão mau, porque do seu lugar ele podia discretamente vê-la sentada, através do pequeno espaço entre os assentos: bastava virar a cabeça perpendicularmente. As portas se fecharam e com o avião no ar, cinco minutos depois, ocorreu o milagre. Uma comissária de bordo abordava a garota, despertando o interesse do sujeito ao lado de Phillippe. Por sua vez este tentava entender o que estaria acontecendo, ainda que fingesse ler Dickens. A seguir a comissária veio dirigir-se ao sujeito da poltrona a seu lado.

- A passageira concordou em trocar de lugar. O senhor pode mudar agora, se quiser.

O sujeito sorriu, desatou o cinto de segurança e levantou-se contente. PS acompanhou com o olhar a garota levantar-se duas fileiras atrás da sua, pegar sua bagagem de mão e dizer algo a uma outra passageira, ao lado da qual estava há pouco. A passageira sentada sorria e agradecia. A garota veio e o sujeito se foi, também agradecido a ela. PS agradeceu a Jesus Cristo. Firmou-se em seu lugar e meteu a cara no *Tempos Difíceis*. A garota sentou-se na primeira cadeira e colocou uma bolsa no assento vago entre os dois. Isso o motivou a parar de ler, olhar para ela, sorrir e dizer “Bem-vinda, mocinha” – em silêncio. Ela rapidamente retribuiu o sorriso e retornou à sua revista. Seguiram calados. Veio a hora da refeição a bordo, diga-se de passagem uma porcaria. Para ele. Porque a garota comeu tudo sem pestanejar, acompanhando-se de dois copos de água mineral. Ele bebeu suco de tomate com gelo, sal e pimenta. Como ela parecia saborear a barra de chocolate que veio como sobremesa, ele aproveitou e ofereceu a dele. Ela sorriu.

- Muito obrigada, vou aceitar.

A tripulação logo recolheu os restos e o lixo. A partir daí, os passageiros entabularam conversa.

- O que está lendo? – ela perguntou.

- Dickens, Charles Dickens, um escritor inglês do século dezenove.

- Bom?

- Estou gostando. Tem uma linguagem poderosa, um grande talento na construção de personagens. É um romance.

- Qual é o tema?

- Pelo que já li, os problemas sociais trazidos no contexto da revolução industrial naquela era. A ganância, o lucro a qualquer custo, mesmo à custa do meio ambiente, a arrogância de alguns, a miséria dos trabalhadores... E você, o que está lendo?

Phillipe Schwanberg sabia o que ela estava lendo, uma dessas autointituladas revistas semanais de informação.

- Um artigo sobre as diversas teorias existentes a respeito da origem da água em nosso planeta.

- Interessante. São muitas? – ele fixou o olhar na garota e foi em frente. – Por que a gente não troca de lugar? Não gostaria de sentar perto da janela?

- Tanto faz – ela disse, dando de ombros. – Se não se importa...

Levantaram-se e mudaram de lugar. Ele agora se sentou na poltrona do meio, ficando vaga a do corredor, onde a bolsa dela foi colocada. Retomou a pergunta:

- Então, o que diz a matéria sobre a teoria da água na Terra?

- Como você se chama?

- Phillip. E você?

- Maria.

Então Maria informou para um PS, fingidor como o poeta, sobre as especulações de que toda a água do planeta por nós habitado, sem a qual a vida não seria possível, provinha ou das precipitações vulcânicas do núcleo do próprio planeta ou de meteoros alienígenas. Aquele núcleo, como se sabia, era formado por uma massa de fogo, expelido em forma de larvas centenas de metros na atmosfera, larva condensada no ar, gerando as nuvens que depois viram H₂O. Quanto aos meteoros, eram gigantes pedras de gelo que, em choques simultâneos e freqüentes com a bola de fogo que era a Terra

após o *bigbang*, se derreteram formando os oceanos, lagos, rios. Maria explica e o comandante da aeronave informa que do lado esquerdo os passageiros poderiam ver abaixo os pontos de luz que identificavam a província de Santa Cruz de La Sierra. Maria olhou, admirada, e ofereceu a visão a Phillippe – àquela altura já comovido com toda a história aquífera. Quis saber o que ela iria fazer no Peru.

- Vou encontrar o meu namorado. Ele mora em Lima.
- Por quê? O que faz ele?
- Ele é peruano. Nos conhecemos faz quatro meses, no Carnaval do Rio. Sou carioca.
- Percebe-se.
- Por que?
- O sotaque.
- Ah, bem! Voltando ao assunto, ficamos juntos uma semana e nos apaixonamos. Meus pais acham tudo isso uma loucura. Ele é dez anos mais velho que eu. Meu pai, conservador como é, embora finja o contrário, não gostou nada da tatuagem que ele tem do lado direito do peito, dessas de marinheiro.
- Eu também não gostaria. Dou razão a seu pai. O que ele faz?
- Meu pai é médico.
- Não o seu pai. O seu namorado.
- Engenharia de minas na Universidade de San Marcos. É a mesma em que estudou aquele escritor... Mario...
- Vargas Llosa?
- Ele mesmo. Li *Pantaleão e as Visitadoras*.
- Também. Mas gostei mais do filme – veio à mente de PS a imagem, crua e nua, da Angie Cepeda, meu deus! – E você?
- Não vi o filme. Achei o romance divertido.
- Você estuda o quê?
- Geologia na uefeerrejota. Terceiro semestre. E o sen...- ela hesitou. – Posso te chamar de você?

- Por que não?
- E você, o que faz?
- Sou publicitário. Minha graduação foi em direito, depois fiz uma pós em cinema em Nova York e outra em marketing político em Berlim.
- Nossa, que inveja! Como você é viajado! Eu gostaria muito de viajar pelo mundo, também.
- Por que não o faz? Tem todo o tempo à sua espera. Oportunidades não faltam.
- Não sei... Primeiro devo terminar meu curso. Talvez me mude para Lima, e aí tenho de começar tudo do zero novamente. Estou confusa, com dúvida. A distância no relacionamento...
- Desculpe a indiscrição: você, realmente, ama o seu namorado?
- Parece. Amo, sim. Do contrário não estaria viajando para encontrá-lo.
- Então, por que a dúvida? A recíproca é verdadeira?
- Acho que sim, ele também me ama. Pelo menos é o que diz e procura demonstrar. Nos falamos todos os dias, por telefone, e nos escrevemos duas vezes na semana. Meus pais ficam loucos comigo!
- Por que ele não se muda e vem morar no Rio?
- Não teria como se manter. A família dele não poderia arcar com as despesas de transferência, moradia, comida...
- Ele tem quantos anos?
- 28. E quanto a você, o que está indo fazer em Lima?
- Lima é apenas uma escala no meu roteiro.
- Para onde vai?
- Cusco.
- A trabalho? Deve ser maravilhoso o que você faz.
- A publicidade é um carma. Mas não estou indo trabalhar, não. Estou indo a Machu Picchu, o santuário inca.
- Maravilhoso! Espero poder ir lá um dia. Se não é a trabalho, por que está indo?

- Estou tentando me achar.

Falava sério? Ela o olhou introspectivamente. E parece que ficou meditando sobre o significado da frase. Seguiram, assim, conversando, enquanto o avião entrava no espaço aéreo peruano. Ele resolveu pedir uma bebida aos comissários de bordo, quando estes novamente vieram servir refeições – dessa vez um sanduíche de queijo com presunto de peito de peru. Perguntou a ela se o acompanharia numa taça de vinho. Ela vacilou um pouco na resposta, mas acabou dizendo sim. Comprou uma garrafinha de merlot. Evidentemente não havia taça, mas copinho plástico – o que desvalorizava o élán da bebida. Brindariam ao quê? “Ao inesperado!” – ela sugeriu. Tinha uma boca realmente bonita, a desgraçada. Acabou o serviço de bordo e as luzes foram reduzidas. Phillip Schwanberg e Maria passaram milhões de minutos em silêncio, cada qual ruminando os seus diabinhos na cabeça com a sobra da bebida ou entre os lábios ou entre as mãos. Olhavam para o recosto da poltrona à frente ou para os lados contrários um do outro. Nesse compasso, por duas vezes alguma força misteriosa resolveu fazer os olhos de ambos se olharem por entre a penumbra, por lapsos de instantes, quando talvez quisessem adivinhar o que cada estaria pensando. Ele decidiu tocar a mão dela, que acolheu os dedos dele com carícia.

- Não podemos fazer isso, você sabe – ela falou, suplicante, com a mão trêmula.

Maria tinha razão. Ele não podia agir como o sedutor de Kierkegaard sobre a frágil Cordélia, embora tentado estivesse. Ela, Maria, estava apaixonada e ia ao encontro do homem que pensava amar nessa fase de sua vida. Por isso enfrentava a distância e as objeções dos pais. Tinha muito por descobrir das mazelas do amor, das frustrações, dos planos tecidos com material biodegradável. Ele já era, como se diz?... um homem formado, já vivera junto com duas mulheres, tinha uma filhinha, experimentara algumas dezenas de fêmeas, sua vida chegara num ponto de relativo equilíbrio material. Entretanto, o seu coração... o seu coração, se pudesse dominar os sentimentos do seu coração, submetê-los, domá-los. Mas havia também a vontade de afirmar-se humano, portanto fraco, nesse e em vários incontáveis momentos. Que tal jogar tudo para o alto, chutar o balde? Tentar mais um recomeço. Era isso que buscava ao seguir rumo a Cusco, ao templo incaico de suposta espiritualidade transcendental? Não podia fraquejar, submetendo aos seus caprichos essa jovem mulher, tão jovem e já refinada, colocando dúvidas nos projetos afetivos dela com um descendente de Tutakami. Lentamente ela afastou a mão da mão dele e fixou o olhar na escuridão lá

fora. Os minutos vinham e iam como fractais, e assim as horas se passavam. Mas, de repente – pfui! – que foi isso? Um tombo, seguido de um *black-out*, fez escurecer totalmente o interior do avião. Ocorreu numa fração de segundos. Logo as luzinhas retornaram, mas o bólido começou a tremular.

- Senhores passageiros e tripulantes – interrompeu uma voz, alto e bom som de alerta –, aqui fala o comandante, da cabine. Estamos atravessando uma forte zona de turbulência. Pedimos que respeitem os avisos luminosos de permanecer sentados e apertar os cintos de segurança.

Seguiu-se a tempestade, braba. Mas justamente aí Maria voltou-se para ele.

- E o que você espera encontrar? – perguntou ela.

O aparelho começou a dar bruscas sacudidelas, como se estivesse com as rodas atravessando crateras nas estradas.

- Como assim?

- Em Machupicchu.

Dava para ouvir uivos dos fortes ventos externos. Pelas janelinhas, fios grossos de tormenta passavam na horizontal e se chocavam no plástico duro e transparente, iluminados por fortes raios que clareavam o vácuo. Cordilheira dos Andes. O avião dava quedas e solavancos. A cerca de dez mil pés das montanhas rugosas. Já não simplesmente flutuava sobre as rochas.

- Disse que ia tentar se achar, que ia em busca de si mesmo.

- É, eu disse. De fato é isso. Precisava fugir do rolinho das obrigações cotidianas. E refletir um pouco sobre tudo, afastado dos homens. Tive boas referências para considerar Machupicchu um lugar que poderia me devolver parte da paz que minha alma anseia por esses dias. Não sou exatamente um crente, mas quero experimentar a sensação de estar em um lugar onde, dizem, emanam energias cósmicas que transformam o nosso modo de encarar a vida. Talvez pelo gigantismo da natureza, não sei. A conferir.

O aparelho tremia, balançava, dava quedas no ar, subia, descia, era um brinquedo nas mãos de forças terríveis oriundas da precipitação térmica ou de fenômenos similares. O burburinho anterior dos passageiros foi substituído por preces, que começaram baixinho e depois ganharam forma de histeria. Às suas costas, PS viu

uma mulher chorando, com as mãos juntas como se rezasse. Tonificada pelo papo, Maria não transparecia preocupação.

- Você acredita em Deus? – perguntou a ele, que demorou uma eternidade de quinze segundos para responder.

- Não sei ao certo como dizer. Em um Deus feito à imagem e semelhança do homem, com certeza não. Seria feio demais.

Ao grito estridente de uma passageira, agora foi a mão de Maria que procurou a mão de PS. Talvez porque o avião parecesse querer espatifar-se contra a densa barreira de ar e nuvens granizadas, os dois buscavam algum tipo de proteção um no outro. Aproximaram os corpos para mais perto, a ponto de sentirem as batidas dos corações amedrontados. Vozes diversas oravam, clamando por aquele Deus que este homem dizia não conhecer.

- Eu me corrijo. Acreditaria se ele fosse uma mulher. Como Maria – então sorriram.

A impressão que tiveram todos ali naquele monstrengão voador, por três a cinco minutos, é que “a hora da verdade” de cada um tinha chegado. Muitos, com certeza, repassaram sua vida e o seu vir-a-ser, angustiados. Uma forma linda de morrer seria esta, pensava PS, mãos dadas com esse anjo de hálito quente, que mantinha o charme ao falar – mesmo dentro do ambiente infernal suspenso no céu, no qual estavam metidos. Raios eram vistos, na escuridão, lambendo a estrutura metálica da máquina voadora que parecia rumar à sua dissolução. O desastre aproximava-se, não fosse a perícia do comandante – ou as preces de quase todos os que ali se encontravam. Maria inspirava coragem, era sublime. Por isso Phillippe buscou o mais que pôde se passar por forte. A tranquilidade que ela apresentava o contagiava e ele mostrou não estar tremendo nas calças. Isso era necessário porque deveria abraçá-la no instante em que o aparelho iniciasse sua evaporação. Morreriam abraçados, quem sabe se beijando – ele desejou. No entanto, aquele sonho de morte foi interrompido quase da mesma forma que se iniciara. Logo um céu de brigadeiro se descortinou mais à frente e tudo voltou ao mundo de sempre, das finanças, dos negócios, das tramas, das interdições, das avarezas e dos ciúmes. O grande espelho d’água que podiam ver embaixo, diziam tranquilamente a mesma voz da cabine, era o lago Titikaka. A visão se fazia possível porque os primeiros raios amerelo-ouro da manhã se refletiam na lâmina. “Água e mais água,

lembra-se?”, Maria ainda mencionou, já afastada em sua poltrona do colega de vôo. O comandante manobrou com segurança e fez um pouso suave, perfeito ao pousar sobre a pista do aeroporto Jorge Chavez. Parte dos que pensaram antes estar seguindo ao encontro da morte desatou a bater palmas, acompanhadas de “bravo! Bravíssimo!”. Todos estavam eufóricos. Menos Phillippe Schwanberg. Sentia-se, isto sim, frustrado com a aerodinâmica e com a competência do piloto.

E depois não houve depois. Desde o momento em que o avião estacionou, não mais trocaram uma palavra. Ao pegar o corredor do saguão aeroportuário, Maria apressou o passo, como se o evitasse. O amado dela, afinal, aguardava ali adiante. Não houve despedida, nem troca de endereços e, mesmo sem combinação alguma, se perderam no meio da multidão de passageiros de diferentes vôos desembarcados naquele começo de manhã. Unicamente com a bagagem de mão, após o carimbo de entrada ela sumiu para sempre da vista e da vida de PS. Ele aguardou nas esteiras a sua mochila, passou pela alfândega e foi fazer alguma higiene corporal. Procurou a seguir um café na parte superior do aeroporto, aboletou-se numa cadeira, religou o celular e retomou seu Dickens. Dessa vez leu de verdade, esperando o tempo passar. Era oito da manhã quando o telefone tocou. Olhou: Sérgio Novaes, da SNDA, Salvador, Bahia.

- Diz, Sérgio! – atendeu, sem entusiasmo.

- PS?! – a voz do outro lado parecia dar saltinhos. – PS, é você? Até que enfim! Desde ontem à noite estamos tentando falar com você. Eneida ligou, hoje de manhã já liguei. Está por onde, meu querido?

- Lima, Peru. Rumo a Machupicchu.

- Que porra você foi fazer aí nesse cu de mundo, meu irmão? Estamos precisando de você aqui em Salvador, agora!

- Cu de mundo? Cu de mundo é Salvador! O que houve aí?

- Ótimas notícias! Você vai coordenar o marketing de campanha do nosso candidato a prefeito!

- Eu?! Acho difícil. Por enquanto tenho outros planos. Mas quem é o otário da vez?

- Vamos conversar sobre isso aqui. Pega o avião e regressa. Quero agendar uma reunião com a equipe já neste final de semana.

- Impossível. Tenho compromissos aqui.

- Com quem? Alguma peruana? Traz ela com você, agora mesmo!

- Não é nada disso. Coisas minhas mesmas. Razões pessoais. Não dá para falar ao telefone.

Sérgio Novaes percebeu a mudança de voz do interlocutor. Sentiu algo sério no tom, então usou de outra estratégia.

- Não tem problema, posso adiar a reunião por alguns dias. Quando volta a São Paulo?

Era quinta, voltaria na terça.

- Vou marcar a reunião para quarta-feira, aqui em Salvador. Já vou mandar comprar sua passagem e reservar hotel. Chega a que horas na terça?

- Chego na quarta às nove da manhã.

- Então nossa reunião fica agendada para as 17 horas. Eneida liga para você na hora do almoço, passando todas as coordenadas. Se cuida!

Phillipe não se entusiasmou com a proposta. Ir trabalhar em Salvador? Para ele era quase um paradoxo falar em trabalho em uma cidade conhecida pela malemolência, pela preguiça genética do seu povo, pela alegria compulsória de sua gente. Livros de Jorge Amado, quadros de Carybé, músicas de Caymmi e trejeitos de Caetano Veloso não me deixem mentir! As baianas, as mulheres baianas, essas sim habitavam suas fantasias de luxúria – *Gabriela Cravo e Canela, Tereza Batista, Dona Flor e Seus Dois Maridos*, bundas e bundudas por sobre a minha boca! Sabia que operava um exercício de reducionismo tosco, mas é disso que se alimenta a maioria das escolhas que fazemos na vida. As duas vezes em que esteve naquela cidade foi para divertir-se, em férias com Fada Pietra, saudades eternas, e em um Carnaval. As coisas lhe pareceram estranhas, quando estava ou sem farra ou no iate de Sérgio Novaes em passeio bela baía de Todos os Santos. Um Zimbábue em pleno Nordeste brasileiro era o que se lhe afigurava, não fossem as festas diuturnas para as quais foi levado todo o tempo nas duas visitas feitas à terra de coronéis, como aquele mesmo do qual o casal Amado, Gal Costa, Fidel Castro e todos os demais eram amigos afetuosa: Antonio Carlos Magalhães. Sair de São Paulo, onde outras ofertas de serviços lhe chegavam rotineiramente e bem-pagadas, para trabalhar em Salvador? E quem era o tal candidato a prefeito? Alguém do espólio do

coronel morto ou pertencente a outra estirpe de patriarca? Não, a idéia não agradava deveras este serviçal da humanidade, um homem entre outros, cindido agora por faltas das quais não sabia exatamente o quê, pela falta que lhe fazia, lembrou-se nesse instante, Fada Pietra, por exemplo - doce e encantadora companhia das horas boas e más, onde estarás? Por não ser útil aquele pensamento, Phillippe resolveu não mais pensar no convite de Sérgio até o regresso ao Brasil, quando então decidiria o que fazer com ele.

*

O que queria você, Mario Vargas Llosa? Por ser um daqueles intelectuais “esclarecidos”, filhos do Iluminismo, sonhou, então, em aplicar as suas idéias sobre sistemas de governo ao seu próprio país? Está bem, conta outra. Deve ter lido Tucídides, Aristóteles e todos os clássicos da Antiguidade, e mais Locke, Burke, Stuart Mill, Bobbio e o escambau, os construtores da teoria do Estado moderno, do edifício jurídico que nos regula de alto a baixo e de baixo a alto, apenas para não deixar passar o viadinho do Foucault. Queria ele modernizar o país, civilizá-lo à maneira de Francisco Pizarro 460 anos antes, ao confrontar e vencer os indígenas e seu império inca três séculos? Era preciso cristianizar essa gente, à maneira escrota de Mel Gibson? O problema colocado ao povo peruano na última década do século 20 era o da legitimidade da soberania. O que no fundo vale para todas as sociedades construídas, não sem o custo de genocídios, escravismos e outras atrocidades resultantes do uso bélico da pólvora e da máquina a vapor. É, meu filho, o liberalismo: a democracia representativa, o teste periódico das urnas, que gera os demagogos de todos os quadrantes. Organizadas dessa forma, muitas a fórceps, sob a prepotência do colonialismo europeu, sociedades tradicionais dos dois lados do Atlântico constantemente são chamadas a optar (isto se, como freqüentemente acontece, a força dos cavalos, dos tanques e das balas, o permite) entre o racionalismo montesquieniano e o banzo: a síndrome do populismo. O modelo é um somente: o progresso e o desenvolvimento desenfreados. Não seria melhor termos ficados todos na idade anterior à da pedra? Ter domado os animais para uso próprio, ou inclusive como arma, eis o início do fim. “O cavalo já foi um erro”. Todo o resto daí adveio.

Sim, “o cavalo já foi um erro”, “o cavalo já foi um erro”.

Phillipe distraía a mente realizando tais considerações, que sabia nada rigorosas posto ser um neófito em história e política das civilizações andinas ou mongólicas,

enquanto o ônibus empreendia, resoluto, mais uma subida árdua pelos caracóis das escarpas de mais uma montanha, ziguezagueando em disparada. Retornaria de avião. Foi uma opção sua seguir via terrestre, de ônibus, pela estrada de Lima a Cusco, via Nazca, *carretera Panamericana Sur* e outras *rutas*. Queria registrar os diversos *pueblos* pelo caminho. Foram 22 horas de viagem calorentas, apertadas e nada tranqüilas, principalmente devido ao perigo das manobras do motorista que insistia em correr de forma irresponsável. Tentava se fixar no *Tempos Difíceis*, mas nem sempre conseguia. Acidentes acontecem, pensava, e se um ônibus desses despencasse no desfiladeiro aqui do alto dessas montanhas, adeus e babau para essas dezenas de crianças, senhoras e homens atarracados cobertos em ponchos e chullos. Pegara o horário das onze da manhã, no centro sujo e caótico de Lima. Faltavam poucas horas para chegar ao destino, depois de uma noite inteira – a segunda consecutiva – em que não conseguiu pregar os olhos, preocupado com a possibilidade de estouro de algum pneu ou com a quebra da barra de direção do veículo. Houve uma trégua na manhã, por volta das oito, hora em que o motorista parou num pátio onde havia uma venda. Os passageiros saltaram e se viraram para lavar o rosto, escovar os dentes e engolir alguma coisa – vendedores ambulantes ofereciam milho cozido, laranja, mingaus, beijus. Entre os trinta e tanto outros, havia um único passageiro de pele negra e cabeça raspada brilhosa. Phillippe observou a curiosidade que ele despertava entre os índios da viagem. Um casal com um bebê de colo, que timidamente foi se aproximando do rapaz, perguntava algo a ele, que sorriu amavelmente. Então o índio veio a Phillippe, com uma máquina fotográfica na mão, e pediu o favor de bater uma fotografia do casal junto ao negro. Na foto este, segurando o bebê, ficou entre o homem e a mulher, soridentes.

Vargas Llosa perdeu para Fujimori: melhor para Vargas Llosa. Discorde ou não seu rival Garcia Marquez. Ao menos Fujimori, outro salafrário de marca maior, como ficou comprovado, estancou a sangria do Sendero Luminoso contra o povo. Sim, porque essa guerrilha, auto-definida maoísta, como várias outras descambou para práticas irracionais, espalhando medo e terror não somente àqueles alvos de poder aos quais declarou guerra, as tais elites brancas, aí incluídos os ancestrais de Vargas Llosa. Certa vez Phillippe debateu o assunto com Faustino, um colega peruano da NYU, nos tempos de Nova York. Faustino, também publicitário, fixou residência com *status* de exilado político nos Estados Unidos no período mais acirrado do Sendero, nos anos 80. Afirmava que o grupo não era de guerrilheiros, “mas de terroristas”. “Abimael Guzmán

é um vampiro”, dizia ele. “Se um dia chegasse a governar o nosso país, seria a encarnação do horror”. Não se importava com o golpe de estado dado pelo nipônico. “O que interessa é que está pondo ordem na casa”. Como bom andino, enxergava “razões místicas transcendentais” na “missão” do então ditador, que seria adepto do xamanismo e outras crenças congêneres. Agora quando o ônibus que transportava Phillippe enfim estaciona na parada final em Cusco, o presidente do país era Alejandro Toledo, remanescente de indígenas que ascendeu politicamente sobre os escombros do fujimorismo. A economia peruana foi enquadrada ao receituário do Consenso de Washington, a moeda nacional indexada ao dólar, as greves pipocavam e os jornais locais falavam até em *impeachment* do presidente, cuja popularidade estava no fundo do poço.

Tinha lido dois terços de Dickens, impressionado com Sissy.

*

De Cusco chega-se a Machupicchu a pé. Quatro dias e três noites pelo chamado Caminho Inca, administrado pelas cerca de três mil agências de turismo de todos os portes, em pacotes que não saem por menos de 180 dólares estadunidenses. (É bom fazer essa distinção, porque a moeda de Trinidad e Tobago, com sua miséria escancarada nas ruas de San Fernando ou Port of Spain, também se chamava dólar). Há um outro trajeto: quatro horas de trem e mais vinte e cinco minutos de ônibus até a entrada do sítio arqueológico. Nesse caso o turista vai gastar em torno de 150 dólares.

Phillipe ouvia essas explicações de uma garota meio-índia sorridente e artificiosa. Vez por outra ela piscava para uma colega que parecia atarefada atrás de uma tela de computador. Sua atendente disse que as saídas para o Caminho Inca eram agendadas com “bastante antecedência” pelas agências. Phillipe quis saber qual a próxima. “Em duas semanas”, respondeu a mulherzinha com o sotaque cusquenho. Não havia tempo, tampouco disposição, para a espera. Pior: não estava com saco para se deixar entediar na antiga capital do famoso e sanguinário império Inca, hoje tão mercantil como Paris dos arredores do Louvre e do Sena. Fora para ali em busca, como se diz, do seu “eu profundo”, seja lá o que isso queira dizer. Escolhera o destino feitas algumas consultas, deixando-se levar pela intuição. Depois de hospedar-se no Hotel Casona Real, na Calle Procuradores, aos arredores da Plaza de Armas, caminhou até aqui. Logo entendeu o parque de diversões em que se transformaram regiões de peregrinação desses centros mundiais do turismo místico e de mochileiros. Com sua

algaravia, corpos quase sempre tatuados, essa gente se acha super-antenada com o que julgam ser a “natureza” – isto é, o verde, as montanhas, as nascentes dos rios. Invadem os lugares com sua postura “alternativa”, suas drogas e desordem para a economia da cidadela. Bem ou mal, Pachacutec Inca continuava fazendo história.

- A que horas o trem parte amanhã?

- Para amanhã não tem mais vaga.

- E para depois de amanhã?

- Sai da estação às 5h45.

A indiazinha, acima do peso, sorria se fazendo de agradável. Pelo crivo crítico de Phillippe, ela não era apetitosa. Mas fora de casa, depois de três cervejas na cuca, podemos chamar urubu de “meu louro”.

– Você tem de chegar à estação com meia hora de antecedência. Vai ter um guia organizando a partida.

Comprou a passagem e resistiu a todas as outras ofertas de gastos, a ele desnecessários, feitos pela vendedora. Saiu para bater pernas. Na Praça das Armas entrou num café, subiu ao mezanino e pediu uma xicrinha de espresso. O garçom serviu e logo puxou assunto. Ele accedeu, nada tinha a perder. Perguntou o que se fazia à noite. Danceterias e boates é que não faltavam, respondeu Julio, o garçom. Ali era a Meca do turismo *new age* no platô peruano. A informação não batia, mas para que divergir? Phillippe perguntou por lugares freqüentados pela gente cusquenha. – Onde o povo se diverte à noite?

Ao ouvir a palavra *pueblo*, o garçom franziu a testa um tanto gordurosa. Julio levou quinze segundos pensando e então sugeriu um lugar. Como se chega ali?

- É complicado explicar. Mas eu largo o serviço às dez. Podemos ir juntos, se você me pegar aqui, *amigo*.

Feito.

Dez minutos antes das dez Phillippe retornou ao café. Pediu uma cerveja a Julio e esperou pelo fim do expediente do novo parceiro. Às dez este sumiu numa porta suja lá pelos fundos do balcão. Não demorou e veio, já de roupa trocada e cabelos escovados

para trás, com uma mecha gomalinizada por cima do olho esquerdo, ao encontro do turista.

Saíram para a rua, era noite clara de junho. Atravessaram a Praça de Armas e seguiram por outras ruas, avenidas e becos. Na medida em que se afastavam, Phillippe quis detalhes sobre onde estavam indo. Julio dizia para ele ter calma, já veria. Caminharam, enquanto o cusquenho não parava de tagarelar. Sobre futebol, cervejas e mulheres, nada além. O movimento de transeuntes ia diminuindo e as ruas e becos, cada vez mais distantes da pousada de Phillippe, se tornavam mais escuros e vazios. Entraram numa rua estreita com a calçada molhada por dejetos de um esgoto que escorria na superfície de pedrinhas pretas. Enfim chegaram ao destino, identificado por um neon azul-rosado.

Uma pequena porta cedia a uma escadaria abaixo iluminada por luzes vermelho-mofo. Dois sujeitos faziam barreira na entrada. Conheciam Julio, notava-se. Os três trocaram cumprimentos afetuosos em rápido castelhano, incompreensível para Phillippe, não fluente, mas improvisador de portunhol. Se os nativos falassem devagar, podia entender quase tudo, até mesmo palavrões. Mas se pisavam no acelerador da fala, as palavras eram um zunido indecifrável para a audição dele. Os sujeitos riram, abraçaram-se, trocaram afagos e Julio, que cultivava um bigodinho ralo, adentrou no baile – porque tinha música eletrônica vindo lá de baixo, gritinhos e barulho de festa. Virou-se antes de descer todos os degraus, voltou-se para o turista e o mandou pagar algo como 20 soles para entrar. Lá embaixo, uma pequena amostra-grátis do inferninho, sujo, esfumaçado, quente, gostoso, com bocas vermelhas, dentes à mostra, sensualidades. Julio logo-logo se demonstrou a serviço de todos os mutrequefes do lugar. Ofereceu-lhe uma carreira de pó, mas declinou da oferta. Hora e meia depois, Phillippe sentiu-se escalpelado. Nesse tempo Julio lhe trouxe não sei quantos litros de cerveja cusquenha. E com esses, garotas brilhantes que iam e vinham e sumiam para outras surgirem e desaparecerem instantes depois de apresentadas e beberem ou pedirem cigarros, campari, cuba libre. O turista pagava la *cuenta* e era o tempo todo chamado de “amigo” por Julio, que o apresentava à sua turminha. Quando se viu já quase sem soles, sentiu que era hora de dividir o consumo. Comunicou ao recém-amigo. O “*mui amigo*”, então, o abandonou num canto de parede do salão de cheiro azedo de suor e álcool, e todos os sorrisos desapareceram. Las amiguitas de Julio tomaram chá de sumiço dos olhos de Phillippe e foram pelos olhos e pelo rancor do turista de nariz adunco, um judeu na certa, vistas gargalhando

mais adiante em rodinhas de cusquenhos super-iguais a Julio. Restava a Phillippe uma nota de 5 dólares, que havia por precaução escondido dentro da meia no sapato. Hora de debandar. Phillippe subiu as escadas meio tontas, quer dizer: ele estava meio tonto e ressentido. De taxi, regressou ao solitário monástico quarto de sua pousada. Deixou as vaginas e os falos para trás. Com isso também os marginais. Estava em Cusco para encontrar o seu “eu”.

Antes de pegar no sono naquela noite, lembrou-se de um texto de Julio Cortázar, que deus o tenha. Isso o impressionara aos 15 anos, quando leu. Vinte e três se passaram. “Calaria como calam os deuses e morreria como morrem os homens”. Dormiu e sonhou. Era Berlim Oriental, mas – impossível! – o muro havia caído. Saíra de um bar nas imediações da Chodowiecki Strasse e ali estavam. Pareciam duas crianças aqueles dois, caminhando madrugada adentro em uma grande avenida que ninguém sabia aonde os levaria, na Prenzlauer Allee. Quem era esse rapaz que ela nunca tinha visto antes em toda a sua vida cheia de surpresas? Quem era essa garota, que entrou inesperadamente no caminho dele, assim sem quê nem pra quê? Entre o primeiro toque de mãos, o primeiro sorriso, o primeiro beijo e a despedida abrupta não se passou sequer o tempo necessário para uma viagem de volta, em avião a jato, à terra real onde cada um levava a sua vida concreta. Talvez tenha sido essa vida particular, com toda a sua musculatura, o que em contraste os fazia leves nessa hora noturna. Leves como uma folha de papel que o vento leva, bailando no ar em rodopios e sobe-desce, como há pouco os dois numa festa onde se conheceram. Nada daquilo estava em seus planos, sequer o interesse em se envolver com gente nova. Porque isso geralmente acaba em problemas e pessoas se ferem. Ele ainda lembra dela dançando com um sujeito de passos bonitos, de quem teve inveja por não possuir o mesmo dom. Mas ela, generosa, depois que se permitiu essa nova companhia de alguém tão distante, tão contrastante, tão menos moço que ela, ela o guiou pelo salão em giros loucos que em determinada hora fizeram com que outros casais abrissem espaço para aquele par ao qual o mundo acabara de ser descoberto e ao mesmo tempo era uma terra de todos e de ninguém. Ali bailando, por exemplo, a vida e o planeta se resumiam egoisticamente a duas pessoas: ela e ele. Era como se uma esponja houvesse apagado tudo o mais. Havia música. Havia suor e odores de carne e jasmim. Havia inocência e, ao mesmo tempo, desejo instalados na pele de ambos, mas nenhum dos dois estava disposto a tocar no assunto porque aquilo era inadmissível. (Mais tarde ela iria escrever que seu namorado tinha a senha do

seu e-mail e se ele a queria feliz jamais a procurasse de volta, como recíproca a uma flor que ele deu a ela desenhada toscamente num guardanapo vagabundo que ela guardou para sempre). Então preferiram ir embora, cada um para o seu canto. Passava das duas, três da madrugada talvez – eles não estavam preocupados nem com o relógio nem com nada – quando saíram à rua, deixando a multidão efervescente para trás. O ar fresco lá fora, um vento frio bateu nas suas faces e por um momento vacilaram entre continuar mais um pouco ou seguir de S-Bahn. Ela tomou a decisão: andar à toa pelas ruas, subindo a Prenzlauer Allee na antiga capital da guerra fria. O noturno nessa parte da cidade é impagável, com suas luzes amarelecidas, com os bares e restaurantes repletos de gente conversadora e soridente, ainda que bêbados rocem nas proximidades. Assim seguiram sem saber aonde iam dar. Num trecho mal-iluminado avistaram um par de travestis em roupas brilhantes e salto Luís XV. Enquanto passavam, para a autoestima dele e a autoconfiança dela, um dos travestis flertou com o rapaz e a moça sorriu fazendo um chiste. A língua de um não era a do outro, tampouco a do lugar porque eram de lugares desconhecidos pessoalmente por ambos, mas os dois falaram de muitas coisas misturando idiomas diversos que mal (no caso dele) ou bem (no caso dela) conheciam. Num kiosk turco se aventuraram e pediram vinho que disseram que tinha. Esperaram bastante, mas sem se aborrecer. O lugar estava cheio de boêmios vietnamitas e russos, que ouviam algo romântico tirado de um jukebox. Aquilo era tão barroco, tão década de 30, tão improvável – e no entanto, para esse casal em postura que se diria moderna, tão natural. Ele aproveitou, pedia os pés dela sobre as suas coxas e neles, embora com as solas sujas – mas quem nessa hora se importa? – fez carinho. Nesse tempo ambos mencionaram suas origens e o novelinho que os trazia enrolados em suas obrigações. Díspares, um era escritor de meia-tijela, a outra irradiava esperanças de futuro para a humanidade – pretendia, inclusive, atuar por todo o mundo curando enfermos em instituições como Médicins Sans Frontiers, embora nada ainda estivesse estabelecido: tinha tempo e oportunidade de escolhas. Isso permitia que, voluntária, estivesse aquelas semanas nesse país distante, encafurnada num hospital público, fazendo e aprendendo. Ele a escutava atento, mas perguntado contou de suas andanças e visão pessimista da natureza humana, citando Nietzsche, Guimarães Rosa e Schopenhauer. Talvez não tenha lido direito esses autores, por isso não insistiu muito. A conversa fluía quando o balconista se desculpou sem o vinho uns quinze minutos depois. Então os dois seguiram adiante, rindo às escâncaras daquilo tudo; em um momento ela dependurada feito um macaquinho nas costas dele com as mãos

entrelaçando o seu pescoço suavemente. Atravessavam assim a avenida. Riram de si mesmos, riam pelo inusitado da situação, seguiram rindo da vida que os juntou nessa hora –e que os separaria minutos a seguir. Era um riso entrecortado de silêncios porque, no fundo, sabiam que tudo isso era equivalente a um sonho. Os olhos dela mais tarde, enquanto os dois num balcão do último restaurante ainda aberto na avenida sorviam a derradeira taça de vinho, brilhavam procurando os dele. Quando se fixaram mutuamente, o eixo do planeta Terra se desequilibrou. Foi o começo e o fim de tudo e o começo...

Um barulho do inferno o acordou, sudorento, interrompendo o sonho dentro do sonho. Tinha esquecido de desligar seu telefone celular. Ligavam-lhe da Bahia, droga! Eneida, da SNDA, queria alguns dados de documentos pessoais dele. Também precisava confirmar a reunião para a próxima quarta-feira em Salvador. Já era sábado na Praça de Armas, com o sol a pino.

Phillipe levantou, se dirigiu ao banho, bebeu chá de coca e saiu para bater pernas em Cusco, já que teria de aguardar até a manhã seguinte pelo trem a Machupicchu. Seu celular tocou duas vezes mais, com chamadas de São Paulo: Hilário, querendo saber como ele estava, e seu advogado, para falar “do conhecimento da ação de revisão da pensão alimentícia”. Resolveu desligar os aparelhos para sempre, até a hora de pegar o avião de volta, pondo-o depois, como já fizera com outros apetrechos, no fundo da bagagem. Percorreu as ruas, mercados e igrejas nas zonas atulhados de juventude turística. Gente estranha essa que vê beleza numa lagartixa mas não percebe o entulho de restos que acumula ao redor. Por volta de uma da tarde decidiu subir uma grande ladeira numa das encostas que ladeiam o buraco onde os incas construíram sua capital. Afastou-se cada vez mais da civilização alternativa, porque queria sentir o quente sol por todo o seu corpo, sem testemunhas. Protegia-se com um boné. Mais uma vez era um estranho num lugar virgem dele mesmo. Como no sonho sonhado aquela manhã, confuso demais para entender. Essa sensação fazia-lhe reconciliar-se com o turbilhão de coisas que desfilavam a galope por sua mente. A garota do sonho era alguém nunca antes visto, mesmo quando morou em Berlim. O sonho, os sonhos que não lhe abandonavam. Mesmo ali, sem ninguém ao lado. Sentia falta de um ombro amigo. Caminhava, entrando e saindo de ruelas com as portas fechadas. Cheiros de panelas no fogo perfumavam o ar: era a hora do almoço. Afastando-se ainda mais, Phillipe chegou ao topo de uma das alturas de Cusco, num descampado de pedras e cascalhos

misturados a metais ferrosos e matagal. Verificou que ali se atirava à-toa parte do lixo produzido na cidade. Os insetos e os roedores faziam a festa. Não havia ninguém por perto, tampouco casas. Um sujeito mal intencionado poderia matar e atirar sua vítima das alturas de um daqueles desfiladeiros, sem ser molestado. Avistou quatro llamas desfilando ao longe, no outro morro do outro lado. Altíssimas torres de metais com cabos eletrificados substituíam as árvores altas que certamente ali estavam quando Pachacuteec Inca reinou. Agora era uma lixeira o lugar. E dessa altura via toda a área urbana lá embaixo. Decidiu voltar para o centro do buraco que é Cusco. Fez a descida procurando novas trilhas de ruelas de casas populares. No meio de uma ladeira resolveu experimentar a comida que os populares comiam em um restaurante caseiro. Quando entrou, todos os que ali se achavam arregalaram os olhos para ele, alguns com a colher de sopa ou o garfo do frango parados no ar antes de alimentar o comensal curioso com a chegada do estranho.

- *Buenas tardes* – ele disse, procurando assento em um banco comprido na frente do qual havia uma grande mesa de tábua, sem toalha.

A resposta foi dada por todos os que ali se achavam, uníssonos, simpáticos. Então o tilintar de talheres nos dentes seguiu seu mote. O sujeito pediu uma refeição, aberta por uma sopa com grãos de milho, depois ceviche, frango frito, arroz, leguminosas e um copo de um refresco gelado preparado com um mato local, água e açúcar. Não perguntou o nome. Ainda era observado por olhares de esgueira. Perguntavam quem seria o estranho de boné e nariz adunco que saíra lá de baixo para vir aqui se juntar à gente. Não sabiam que, na sua escolha, o sujeito também estava levando em consideração seu fastio com a comida de restaurantes para turistas. Crianças circulavam de um lado a outro, entrando e saindo por uma porta dos fundos. A atenção de Phillippe foi presa por uma música que vinha de uma parte do lado de fora do quintal, mas chegava claramente ao salão de comida. “Até aqui essa merda faz sucesso?”. Sim, as crianças se divertiam em Cusco com as músicas de Xuxa, “a rainha dos baixinhos” criada pela Globo e desfrutada por Pelé, como ele mesmo contou à *Playboy*.

O resto da tarde e da noite ele usaria para não fazer absolutamente nada, porque nada havia mais a ser feito. Tinha de esperar o dia seguinte para ir ao encontro do seu “eu”. A zona turística, os mercados de lembrancinhas, tudo estava muito agitado. Ele ainda se deu ao luxo de comprar três camisetas. Depois deixou que um engraxate na rua escovasse a sua bota com a qual enfrentaria os caminhos por vir. Lá pelas nove da noite

saiu da pousada para comer alguma coisa e tomar duas cervejas. Abaixou-se na calçada e pegou, por curiosidade, uma folha de jornal perdida e rasurada. Foi cedo para cama, não queria perder o trem. Um trecho de um artigo do jornal rasurado começava no final de uma sentença. Dizia: “... que os conhecimentos adquiridos por uma geração são transmitidos de pai para filho”. Hum, hum...

“No entanto a criatividade humana é fenômeno relativamente moderno. Durante milênios, a incapacidade de inovar manteve os hominídeos num pântano intelectual bem próximo dos demais primatas. Os museus mostram que as formas de machados, lanças, flechas e utensílios domésticos permaneceram imutáveis por centenas de milhares de anos, em diversas populações. Como explicar que uma espécie de primatas nascida há 5 milhões de anos apenas nos últimos 50 mil anos tenha aprendido a desenhar em cavernas, criado rituais para enterrar mortos, a agricultura e as inovações tecnológicas que levaram o homem à Lua?”

Phillipe não gostou da última construção frasal, porque “a agricultura e as inovações tecnológicas” só à paulada, lhe pareceu, combinam com “tenha aprendido”. Mas o artigo era curioso, principalmente antes do último bocejo. Continuava:

“Que processos adaptativos possibilitaram esse salto evolutivo que nos tirou do estágio pré-simbólico, abrindo as portas para o universo de símbolos característicos das culturas contemporâneas? Segundo o neurologista Fulano de Tal, o substrato neurobiológico que precedeu esse salto é desconhecido. O domínio do instrumental simbólico foi mediado pela linguagem, responsável pela reorganização da mente, da consciência e do mundo social, fenômenos a partir dos quais emergiram valores culturais diversificados e inovadores. Tais mecanismos adaptativos poderiam repetir-se com outros primatas? Surgirão macacos cultos como nós? Teoricamente, é possível; desde que haja tempo suficiente e o *homo sapiens* seja extinto. Enquanto andarmos por aqui, eles não terão a menor chance”.

A leitura lhe deu vontade de sair novamente à rua. Agora com um objetivo bastante específico: encontrar uma fêmea para comer sem compromisso. Noite movimentada, de festas, shows, boates para todos os gostos em todo o entorno da Praça

de Armas e além. Phillippe sondou vários lugares, até desistir de procurar e entrar num boteco que lhe pareceu suspeitoso. Acertou na mosca. Nem bem bebeu o primeiro copo, duas mulheres, uma das quais com enormes peitos que à primeira vista pareceriam siliconados – o que de fato era, como ele constatou mais tarde -, aproximaram-se para puxar conversa e pedir que pagasse um drinque, no caso dois. Sentaram numa mesa. Vieram dois e mais três e mais três e mais três. Estavam vestidas e pintadas para o meio. Passaram a falar de sacanagens, que faziam isso e aquilo, chupavam bem, davam o rabo, tinham a xana aparada. Deu vontade de um *ménage à trois*. O desejo o fez lembrar que a última ocasião em que foi comido por duas garotas se deu por iniciativa de Suzana, a louquinha estudante de direito do Largo de São Francisco, insaciável, com sua vulva enorme sequiosamente abocanhada por uma amiga do sexto semestre. Comer essas duas putas agora era o que ele preferia nas circunstâncias, afinal os hominídeos ainda mandavam no planeta. A magrinha, de bunda desproporcional à magreza, perguntou a Phillippe se tinha coca, não o chá, mas o pó refinado. Ele respondeu que estava apenas bebendo, depurando-se das outras drogas, mas não se importava se elas quisessem cheirar. Pediram dinheiro, ele deu. A magrinha se retirou do salão por alguns instantes e quando retornou trazia na bolsa um pacotinho. Transar com as duas juntas saiu dos seus planos quando falaram o custo do investimento, que tinha de ser pago em dólar. Combinou, então, com a peituda, que pediu 50 verdinhas. Os dois foram para o hotel onde ele estava. Logo ao entrar no quarto, a mulher exigiu pagamento adiantado. Ele pagou com duas notas de 20 e uma de 10 dólares. Despiu-se, ficou apenas com a cueca cobrindo seu membro ainda adormecido. Subiu no colchão, enquanto a mulher guardava o dinheiro na bolsa, sentada aos pés da cama. Ele esperou ela vir para cima dele cerca de dois minutos, tempo em que a mulher remexia a bolsa vai saber lá para quê.

- E aí, vamos? – ele quis saber, enquanto se alisava recostado na cabeceira.

Ela apenas olhou vagamente para ele, levantou-se e disse que ia ao banheiro. Ele ouviu um longo chuáchuá de uma mijada feminina, depois um barulho de água de pia, e então ela regressou. Ainda totalmente vestida, ele estranhou.

- Como é, vai chupar meu pau? – perguntou, preocupado porque o membro continuava molengo. Os lábios da sua boca, isto é, da boca dessa peruana, lembravam lábios de vagina quando inchados.

A mulher tirou a blusa, mostrando os peitões segurados com esforço por um *soutien* que a Phillippe afigurou serem tamanho extra-largo. Ele queria meter o pau entre

eles para untá-los de sêmen. Ou ver a cabeça espremida pelos dois grandes melões. Ela se desfez do *soutien*, colocando-o dentro da bolsa. Ao fazê-lo, os mamões desabaram dez centímetros por conta da lei de Sir Newton. Phillippe pode confirmar com os olhos as reentrâncias das bolhas sintéticas ali implantadas. Não conteve a curiosidade e partiu para cima, a fim de apalpá-los assim mesmo. Fez. A consistência era de plástico. A mulher logo afastou suas mãos com um revirar de corpo. Seu pênis deu sinal de vida.

- Tem um cartão aí? – ela indagou, abrindo a gaveta da cômoda onde estava o abajur. Daí, retirou um exemplar do Novo Testamento doado para uso dos hóspedes pelos Gideões Internacionais. Espalhou sobre a capa do Livro Sagrado um montinho de pó. – Tem um cartão para eu arrumar umas fileiras?

Ele respondeu “infelizmente não”. Mentia. Ela remexeu na própria bolsa e achou um pedaço duro de papel, com o qual ajeitou cuidadosamente sobre o livro a merda da cocaína, dividindo em três porções finas. Pegou na bolsa uma nota estalando de 5 soles, fez um canudinho, aspirou e ofereceu o Novo Testamento ao judeu de nariz adunco.

- Não, não, não quero. Vem logo chupar com essa boca gostosa.

- Chupar, eu não chupo – ela garantiu, dando de ombros, aspirando outra vez. Levantava o pescoço e seus olhos se enchiam de um líquido lacrimejante. Não tinha ainda tirado a calça. Suas mãos tremiam um pouco.

- Como, não chupa!? – ele se surpreendeu sinceramente.

- Eu só bato punheta – ela confirmou, aspirando e fungando quase ao mesmo tempo.

- Porra, aí é foda!

Ela devolveu a doação dos Gideões Internacionais do lugar de onde jamais deveria ter saído e, ainda sentada no colchão aos pés da cama, encarou o turista.

- Minha amiga era quem chupava. Eu só bato punheta.

Ele ficou de pé e se colocou bem na frente dela, tirando a cueca e apresentando o pênis, que continuava a meio-pau.

- Pega essa merda e acaricia, porra! – falou como uma ordem, lembrando dos 50 dólares.

Ela pegou sem gosto naquilo e começou a fazer movimentos mecânicos para ver se endurecia.

- Tira a roupa – disse ele.

- Para que, *brasileirinho*? – ela perguntou, como se inocente.

- Porra, nós viemos aqui transar!

- Com 50 dólares é somente masturbação – e ela continuava os movimentos mecânicos, já despertando enfado no sujeito. – Mas seu bichinho não sobe. Me ajuda aqui. Movimente também.

- Não foi isso que acertamos.

- Mas 50 dólares é só para isso, *brasileirinho*.

Phillipe não gostou nada do que estava ouvindo. Tampouco estava gostando da tentativa de masturbação da peruana. Por fim, se afastou, ainda de pé, falando a ela sobre o trato feito anteriormente, na mesa de bar, e das conversas que tiveram sobre as mil variações sexuais.

- Mas isso é minha amiga que faz. Eu não! Eu disse que era bom se ela viesse, nós três.

- Você não disse nada disso antes.

- Por 50 dólares só faço isso – ela resignou-se, já recolocando o soutien e a blusa.

- E as bebidas que paguei?

- Você pagou por que quis, moço – o tom de voz dela foi alterado. – Se não quisesse pagar, não pagava.

Aos poucos o turista percebeu a fria em que entrou. Esta puta estava querendo passar a perna nele. Já se vestia, já arrumava a bolsa, já se preparava para dar o fora levando seu dinheiro sem cumprir o prometido. Lembrou-se de Julio e suas amiguinhas safadas da noite anterior. Um misto de desprezo, raiva, nojo e complexo de babaca assomou-se-lhe a cabeça. Daí em diante parou de raciocinar como Phillippe, pai e leitor de Dickens.

- E você não vai fazer nada para eu gozar?

- Se quiser uma punheta, eu bato.

- Não, não precisa.

A mulher preparou-se para deixar o quarto, mas o turista, ajeitando com rapidez cueca e calça, se apresentou como uma barreira diante dela.

- Devolva meus 50 dólares! – exigi.

- *Que passa, brasileirinho?* Os 50 dólares são meus. É o meu trabalho. Vivo disso. Não tenho grana como você, que é turista.

Seguiu-se, então, um puxa e estica e alguma gritaria da mulher, por longos cinco minutos. Passos do lado de fora denunciavam que a filha da puta conseguiu o intento de chamar a atenção. Phillippe deu-lhe dois tapas de mão aberta no rosto, o que a fez parar de gritar e de espernear, acalmando-a. O interfone tocou e o hóspede - segurando-a firme pelos cabelos, enquanto ela soluçava perguntando o tempo todo “por que isso, *brasileirinho?*” - atendeu.

- Está acontecendo alguma coisa, *segñor*? – quis saber a voz castelhana do recepcionista ao interfone.

- Não, nada de mais: está tudo bem – e desligou. Voltou-se para a mulher. – Você sabe quem sou eu? Estou aqui neste país numa operação internacional de repressão às drogas. Estou disfarçado, e agora peguei você. Você vai ter de me dizer quem fornece a coca aqui em Cusco, qual é o cartel que opera por aqui. Ou então vai se fuder, sua puta! Vou telefonar agora mesmo para o chefe e daqui você vai imediatamente para a cadeia, cadelá!

Mentia e acreditava nisso, porque incorporando um polícia internacional, a adrenalina subiu-lhe nas veias e daí a pouco estava novamente dando tapas na cara da coitada da mulher. Agora ela pedia “pelo amor de Deus” para o “*brasileirinho*” não fazer aquilo, que ela não sabia de nada, que foi a amiga quem entregou a droga para ela, que ela tinha uma filha para sustentar, que se arrependia “por estar nessa vida”, que iria devolver-lhe os 50 dólares.

Essa última menção fez com que o agente antidrogas agindo no país andino fosse tentado a perdoar aquela vagabunda, como ele repetia.

Amedrontada, choramingando e maldizendo a sua sorte, a mulher enfiou uma mão por dentro da virilha da calça, retirou dali as três notas de dólares e devolveu-as ao

policial, implorando que a deixasse ir-se embora. Ele fez algumas ponderações, mas resolveu liberá-la, sem enquadrá-la em flagrante pelo crime de tráfico de cocaína, ou extorsão. Fez cara de mau, antes de abrir a porta, e disse em tom severo:

- Vou te acompanhar até a portaria. Bico calado! E nunca mais quero ver você por essa região, enquanto estiver por aqui, entendeu bem?

- *Si, señor doutor.*

- Entendeu, mesmo?!

A mulher, limpando com a costa da mão a gosma que lhe escorria pelas narinas, respondeu baixinho duas vezes que “si, si, segñor”, enquanto o sujeito ainda lhe dava um safanão na nuca, segurando-a firme por um dos braços. Ela tropeçava nas sandálias de salto alto, ele empurrando-a de volta à recepção. Ao ver o casal alguns metros distantes, vindo em direção à porta de saída, o recepcionista – aquela hora sozinho, período em que noutras noites tranqüilas aproveitava para cochilar – correu para abrir e dar passagem. O hóspede estava sem camisa e descalço. A mulher, um tanto desgrenhada. Com a porta aberta, Phillippe a jogou para fora, dando-lhe, por fim, um chute na bunda seguido por um “Vai, sua puta!” excitado. A mulher precipitou-se pelos degraus, por pouco não tropeçando, e desapareceu na noite.

- Você tem água mineral com gás? – o hóspede quis saber do recepcionista petrificado, depois de a porta novamente fechada.

- Só temos sem gás, senhor.

- Me dá uma garrafinha. E me acorda daqui a pouco, às quatro e meia.

- Com certeza, senhor.

Ao deitar-se Phillippe lembrou-se do trecho que tinha lido no jornal. Dormiu reconfortado e orgulhoso pelo tom conclusivo da notícia.

*